

## A LITERATURA MARGINAL E SEUS MECANISMOS DE LEGITIMAÇÃO E CONSAGRAÇÃO

Ana Paula Franco Nobile Brandileone<sup>1</sup>

**RESUMO:** Um dos temas que mais se tem destacado na narrativa brasileira contemporânea é a da representação da realidade marginal e periférica. O mais importante destas narrativas, que trazem para o centro da discussão os excluídos sociais, é o *locus* (além de geográfico, também espaço social e afetivo) de onde fala o autor (lugar de enunciação), bem como a intenção de criar um espaço de valorização da cultura da periferia. Por isso, a literatura marginal inscreve-se em um movimento de espectro cultural amplo, arrastando atrás de si a voz da periferia. É o caso do movimento 1daSul, fundado por Ferréz, bem como de outras instâncias de legitimação que promovem a circulação da produção literária marginal. São os diferentes instrumentos de conexão utilizados pelos autores marginais para promover a circulação dos seus produtos literários o que se propõe a discutir.

**Palavras-chave:** Literatura Marginal. Cultura da periferia. Espaços alternativos de divulgação literária.

**ABSTRACT:** The representation of the marginal and peripheral reality has been one of the most prominent themes in the Brazilian contemporary narrative. The most important of these narratives, which has the socially excluded as the significant part, is the *locus* (in addition of being geographical is also social and emotional space) from where the author speaks (place of enunciation), as well as its intention to create a space to promote the periphery culture. Therefore, the marginal literature falls into a movement with a broader cultural range, dragging behind it the voice of the periphery. This is the case of 1daSul movement, founded by Ferréz, and the other legitimate instances for the circulation of the marginal literary production. These different connection tools used by marginal authors to promote the circulation of their literary products are the subject of this discussion.

**Keywords:** Marginal Literature. Periphery Culture. Alternative spaces for literary dissemination.

### 1 A Literatura marginal e seu compromisso ético e político: algumas implicações

O fenômeno da “literatura marginal”, produzida nas duas últimas décadas por autores da periferia das grandes cidades brasileiras, tem merecido a atenção da mídia e da crítica especializada. Para alguns estudiosos, a produção literária dos grupos periféricos é entendida como

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Rod. PR 160 – Km 0 – campus universitário – Cornélio Procópio – Paraná – CEP 86300-000. E-mail: apnobile@uenp.edu.br.

mais uma dentre tantas outras práticas textuais, e que deve ser avaliada segundo contextos culturais específicos, em prol de uma orientação política e ética, centrada nos princípios socioeconômico e territorial: “Na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39). Desse modo, para o autor é a ética e não a estética que norteia a produção literária marginal.

Também para Érica Peçanha do Nascimento, a relação entre literatura e engajamento promovida pela literatura marginal é que concorre para que o estético se coloque em segundo plano: “[...] a criação literária é meio pelo qual os autores estão expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Anos antes Beatriz Resende já acenava para o deslocamento sofrido pelo literário na ficção brasileira contemporânea:

Ao iniciarmos qualquer observação sobre a prosa de ficção brasileira contemporânea, especialmente a praticada da metade dos anos 90 até o correr desta primeira década do século XXI, percebemos, de saída, que precisamos deslocar a atenção de modelos, conceitos e espaços que nos eram familiares até pouco tempo atrás. Teremos que deixar jargões tradicionais no trato do literário e, saudavelmente, conhecer termos que vão da antropologia ao vocabulário do misterioso universo da informática, tudo isso atravessado pelas necessárias reflexões políticas, pois vivemos, hoje, no Brasil e, de modo geral, em toda a América Latina, um momento em que o viés político, felizmente, tende a atravessar todas as atividades, o que é uma consequência positiva da volta à plena democracia. (RESENDE, 2008, p. 15)

Ou ainda quando trata da multiplicidade de formas e temas dessa produção ficcional que, segundo a autora, tem na heterogeneidade uma de suas marcas: “São múltiplos tons e temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura, postura que me parece a mais interessante e provocativa nos debates que vêm sendo travados (RESENDE, 2008, p. 18).

A importância dada ao significado em detrimento da forma, privilegiando o *o quê* da obra literária e esquecendo o *como*, aquilo em que se distingue e que é só seu, ou como diz Leyla Perrone-Moisés (1998), a “literatura como” - como depositária da memória cultural, como colonizadora e/ou descolonizadora, como expressão das diferenças sexuais, como ideologia, etc. - ganha este contorno, porque, não raro, compreende-se que a literatura marginal está inserida em um movimento de espectro cultural amplo, aspecto já sugerido pela citação anterior de Érica Peçanha. Isto é, a literatura marginal deve ser encarada não apenas como um movimento literário, indo, portanto, além das práticas literárias, além do papel ou do livro impresso:

Por este prisma concebo tais produções como resultantes de um complexo empreendimento cultural e político encenado nas periferias urbanas das grandes capitais paulistas. Na contemporaneidade temos observado o empenho de diferentes organizações não governamentais e grupos ligados à periferia em formar uma imagem própria para si utilizando como veículo de suas representações a música, a fotografia e o vídeo. A Literatura Marginal, nesse sentido, não pode ser tomada como um fenômeno isolado. Mas, no caso específico da literatura, esse fenômeno se torna mais transgressor. Posto que não se trata somente de ter voz própria, mas de estabelecer essa voz como meio de expressão coletiva, utilizando para tanto um espaço do qual esses grupos foram, quase sempre, excluídos: a literatura. (PATROCÍNIO, 2013, p. 64)

Para retomar um aspecto da citação de Patrocínio, pode-se dizer que a feição política do movimento está doutrinariamente expressa nos prefácios escritos por Ferréz para os três volumes do suplemento “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III”, publicados pela Revista *Caros Amigos*, em 2001, 2002 e 2004, respectivamente<sup>2</sup>, os quais trazem textos inéditos de moradores da periferia. Entendidos aqui como um manifesto da literatura marginal, estes prefácios procuram marcar uma oposição, uma diferenciação discursiva da margem em relação ao centro e, portanto, estabelecer uma identidade própria para esta produção literária que encontra nos setores marginalizados a sua representação. Esta posição antagonica é revelada por um jogo de oposições que perpassa todo o manifesto e se desvela pelas dualidades apresentadas. Entre elas, destaca-se “centro” *versus* “gueto/favela/periferia”, que encontra o seu equivalente em “lado de lá” e “lado de cá”: “- O barato já tá separado há muito tempo, só que do lado de cá ninguém deu um gritão, ninguém chegou com a nossa parte, foi feito todo um mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do cá mal terminamos o ensino dito básico” (FERRÉZ, 2005, p. 13, grifo nosso)<sup>3</sup>. Uma outra marca desse antagonismo está em “nós” *versus* “vocês/eles”:

“Somos o contra sua opinião [...]” (FERRÉZ, 2005, p. 09); “Somos mais, somos aqueles que fazem cultura, falem que não somos marginais, nos tirem o pouco que sobrou [...] deixamos eles marcarem nossas peles [...] o mais louco é que não precisamos de sua legitimação [...]” (FERRÉZ, 2005, p. 10); “[...] somos marginais, mas antes somos literatura, e isso vocês podem negar [...]” (FERRÉZ, 2005, p. 10); “Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de excluídos sociais [...]” (FERRÉZ, 2005, p. 11, grifo nosso).

---

<sup>2</sup> Estes prefácios foram posteriormente compilados na antologia *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, organizada por Ferréz (2005). Vale destacar, entretanto, que o prefácio da antologia, intitulado “Terrorismo Literário”, traz algumas considerações inéditas.

<sup>3</sup> As citações foram retiradas do prefácio “Terrorismo Literário”. FERRÉZ (Org.). Terrorismo literário. In: *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

Outra dualidade bastante marcante é a oposição “classe dominante” *versus* “classe dominada” e/ou “opressor” *versus* “oprimido”, que se verifica quando Ferréz recupera as condições histórico-sociais brasileiras de privação e de violência, de ontem e de hoje no Brasil; o que inscreve o manifesto em uma formulação claramente política:

Um dia a chama capitalista fez mal a nossos avós, agora faz mal a nossos pais e no futuro vai fazer mal a nossos filhos, o ideal é mudar a fita, quebrar o ciclo da mentira dos “direitos iguais”, da farsa do “todos são livres”, a gente sabe que não é assim, vivemos isso nas ruas, sob os olhares dos novos capitães do mato, policiais que são pagos para nos lembrar que somos classificados por três letras de classes: C, D e E. (FERRÉZ, 2005, p. 10)

A urgência na tomada de uma posição que se quer antagonica a um estado de coisas, seja ele político, ético e/ou estético, evoca o caráter combativo de toda doutrinação reformista, caso dos prefácios aqui referidos.

## **2 Literatura marginal: para além das fronteiras do literário**

Os trechos anteriormente transcritos não somente expõem a feição política do movimento, mas também põem à mostra o estatuto da literatura marginal: movimento comprometido com a afirmação identitária das comunidades periféricas e engajado no seu autoconhecimento como grupo, dotado de uma determinada cultura e de um caráter coletivo e cooperativo. Este último aspecto encontra eco nas considerações de Paulo Patrocínio (2013), que afirma que o desejo desses autores em consolidar a diferença da periferia frente aos demais setores da sociedade, não está inscrita apenas na literatura. Acrescida a ela estão outras manifestações culturais e sociais, cujos signos - a música, a arte, vestimentas, editoras, eventos culturais, etc. -, foram criados para dar forma a espaços próprios voltados para a reflexão sobre os setores marginais, isto é, vozes coletivas em prol de um mesmo objetivo: afirmar e firmar a identidade cultural periférica.

Emblemática é a atuação de Ferréz que construiu sua identidade não somente pela escrita, mas também junto à sua comunidade, desenvolvendo projetos nos circuitos cultural - pelas publicações e/ou pela participação em eventos culturais e literários, debatendo sobre literatura e outros temas, tanto no Brasil quanto no exterior -, e mercadológico, dado pelos seus empreendimentos, todos sob a marca 1daSul, disseminando, assim, a voz da periferia.

Seu primeiro livro, de 1997, é de poesia concreta, *Fortaleza da Desilusão*, patrocinado por uma empresa de recursos humanos na qual o autor trabalhava. Ao contrário do seu livro de estreia,

que nem sequer foi noticiado pela imprensa, *Capão Pecado*, antes mesmo ser editado, foi matéria de reportagem jornalística da *Folha de São Paulo* (NASCIMENTO, 2009, p. 205). O romance teve três edições: a primeira em 2000, pela Labortexto Editorial, com uma segunda edição reformulada em 2005, pela Objetiva e, em 2013, pela Editora Planeta, cujo volume traz uma história em quadrinhos sobre o livro. Também no gênero romance publicou *Manual prático do ódio*, de 2003, pela mesma editora Objetiva, e *Deus foi almoçar*, 2012, pela editora Planeta. Publicou dois livros de contos *Ninguém é inocente em São Paulo*, em 2006, pela Objetiva, e *Os ricos também morrem*, pela Editora Planeta, em 2015. Dois livros infantis: *Amanhecer Esmeralda*, de 2005, Objetiva, e *O pote mágico*, pela Planeta, em 2012. Histórias em quadrinhos: *Os inimigos não levam flores*, pela Pixel Media, em 2006 e, em 2012, *HQ Desterro*, pela Anadarco Editora, ambos em parceria com o quadrinista Alexandre de Mayo. Também o livro de crônicas, *Cronista de um tempo ruim*, em 2009, publicado pela editora Selo Povo, criada pelo próprio autor e destinada exclusivamente à publicação de autores periféricos. As crônicas reúnem textos publicados na revista *Caros Amigos*, no jornal *Folha de São Paulo*, *Le Monde Diplomatique Brasil*, revista *Trip*, e Relatório da ONU. Em parceria com a *Caros Amigos* fez circular nos anos de 2001, 2002 e 2003, o projeto editorial que marcou a apropriação do termo marginal por um conjunto de escritores da periferia, e do qual participou com textos autorais nas duas primeiras edições. Desta parceria, resultou a organização da coletânea *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, pela Agir, em 2005, cujos textos foram selecionados dos três volumes do suplemento “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”. Foi colunista da revista *Caros Amigos* durante 5 anos, bem como escreveu roteiros para os filmes *Brother* e *O invasor* e para os seriados *Cidade dos Homens* (02) e *9MM* (Fox). Lançou, em 2009, o DVD *Literatura e Resistência*, com um documentário sobre sua trajetória. Em 2004, assumiu a sua identidade de rapper com o lançamento do CD *Determinação*, pelo selo Caravelas. O escritor tem ainda se dedicado a consolidar seu nome no exterior, tendo publicado *Capão Pecado* e *Manual prático do ódio*, pela editora Palavra, em países como Itália, Espanha, França e Portugal (NASCIMENTO, 2009, p. 213). Foi um dos autores selecionados para participar da Feira de Frankfurt, em 2013. Em 2009, criou a ONG Interferência – Associação Educacional e Assistencial Interferência –, que executa ações em prol da educação, através de leitura, reforço escolar e da cultura.

Com um grupo de moradores da zona sul de São Paulo, Ferréz fundou ainda em 1999, o “movimento cultural 1daSul”, cujo objetivo era desenvolver e conciliar atividades culturais e

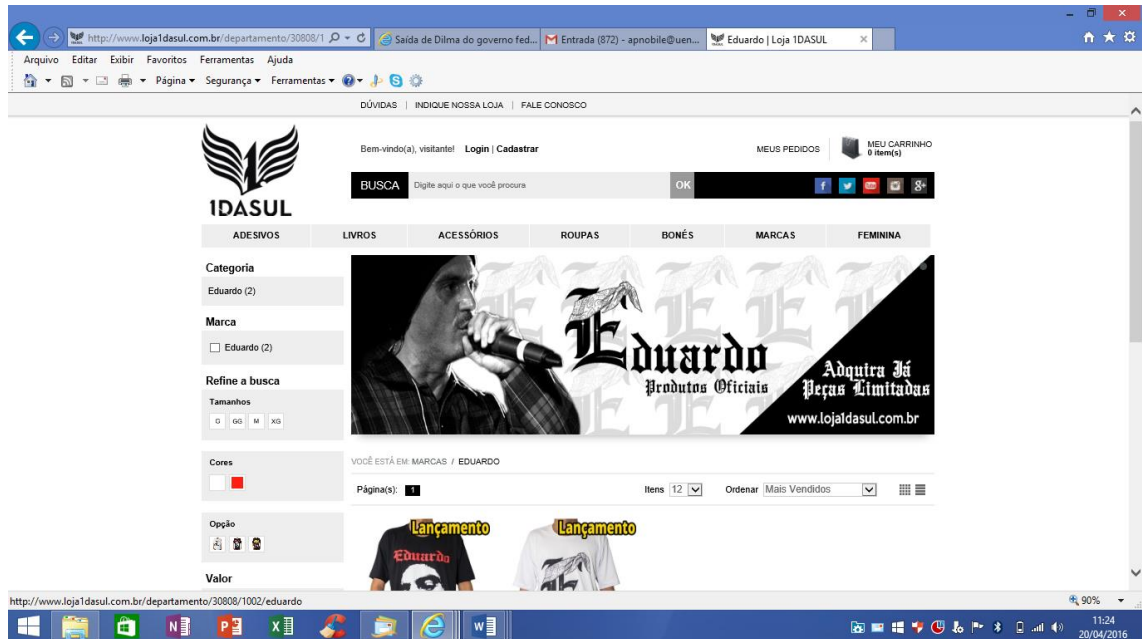
sociais, como shows beneficentes, criação de bibliotecas comunitárias, doações de alimentos para famílias das favelas. A falta de consenso sobre os rumos do movimento, o que gerou a rotatividade dos seus membros, “[...] culminou no fechamento da sede, na suspensão das atividades organizadas e do portal na internet”, em meados de 2005 (NASCIMENTO, 2009, p. 275). Também em 1999, 1daSul passou a ser o nome da grife e da loja que Ferréz criou no centro do Capão Redondo, na qual, ainda hoje, comercializa cadernos, chaveiros, canecas, adesivos e roupas no estilo *hip hop*, como moletons, jaquetas e camisetas com estampas de grafite, trechos de *rap*, de livros ou logotipo da marca, também acessórios como bonés, cintos, mochilas. No *blog* do autor – [www.ferrez.blogspot.com](http://www.ferrez.blogspot.com) –, em texto de 04 de junho de 2005, o autor explica o que é 1daSul:

A 1dasul foi fundada em 1º de Abril de 1999 e tem como idéia central ser uma marca de periferia, que seja feita e usada por pessoas do bairro. O nome vem da idéia de todos sermos 1, na mesma luta, no mesmo ideal, por isso somos todos 1 pela dignidade da Zona Sul. O desafio é ser a marca oficial do bairro, tendo como ponto de vista uma resposta do Capão Redondo para toda violência que nele é creditada, fazendo os moradores terem orgulho de onde moram e conseqüentemente lutarem para um lugar melhor, com menos violência gratuita e mais esperança. Seis anos depois do escritor Ferréz ter criado a marca oficial do Capão redondo, muitos estão deixando marcas como, Nike, Forum e Adidas de lado e usando algo que realmente tem a ver com a nossa gente, com a nossa cultura. O símbolo: o emblema da 1DASUL tem como idéia ser um brasão do nosso povo, desde que invadiram o Brasil os descendentes de portugueses sempre tiveram seus brasões reais, porque? Porque o brasão tem sentido de unidade e traz a idéia de um povo que se une para lutar pela preservação da sua cultura. Assim eles venciam as batalhas porque dividiam agente. assim como os europeus em geral, mas nós descendentes de escravos nunca tivemos um símbolo sobre nossa linhagem, o símbolo da 1DASUL em forma de fênix e com o número 1 em destaque é uma forma de termos nosso próprio brasão, e ele tem esse sentido, de juntar a periferia. O dono do poder, cria símbolos, estatuas, e assim consegue nos oprimir, nós estamos nos primeiros passos de também termos nossos símbolos, afinal temos uma história de lutas e vitórias também. Por isso, quando por a 1DASUL no corpo saiba que você está também usando uma idéia de mudança, você está somando para a auto estima do nosso povo. Do gueto para o gueto. 1DASUL a primeira marca exclusivamente feita para um bairro<sup>4</sup>.

Além dos produtos antes referidos, que se encontram listados na loja virtual ([www.loja1dasul.com.br](http://www.loja1dasul.com.br)) nos *links* Acessórios, Adesivos, Bonés e Roupas, comercializa-se também Livros (outro *link*), de autoria de Ferréz. Abaixo primeira página do site, na qual se pode vislumbrar os *links* referidos:

---

<sup>4</sup> O texto foi transcrito tal como está no blog.



Tendo como slogan “a primeira marca feita na periferia<sup>5</sup> e para ela”, a grife 1daSul manteve, segundo Érica Peçanha do Nascimento, o sentimento de pertencimento dos grupos periféricos mesmo com a extinção das ações organizadas do movimento cultural. Isso porque de todas as iniciativas propostas por Ferréz foi a grife/marca “[...] que mais contribuiu para uma identificação positiva com a periferia, pois atingiu, sobretudo, o tipo de público que tentou alcançar com sua literatura engajada e com seus projetos de intervenção cultural/social” (NASCIMENTO, 2009, p. 279).

Houve ainda três outras tentativas de Ferréz ampliar seus empreendimentos. Em 2005, inaugurou uma locadora de vídeos, “Indústria Vídeo”, que tinha por objetivo especializar-se na locação de filmes raros; foi vendida em dezembro do mesmo ano. Também em 2005, Ferréz criou o selo fonográfico 1daSul, voltada para produção de CDs de rap, e 1daSul Produções, focalizando outros produtos artístico-culturais (NASCIMENTO, 2009, p. 282).

Com a missão de trazer a literatura ainda mais próxima da periferia, o escritor lançou um novo projeto *Palavrarmas*, seu primeiro audiolivro, cujo título, de antemão, sugere a escrita como instrumento de luta. Estratégia já expressa nos textos-manifesto publicados nas edições da *Caros*

<sup>5</sup> Tanto a produção quanto a comercialização dos produtos conta com a participação dos moradores do Capão Redondo. São costureiras, bordadeiras, estilistas e atendentes de loja, os quais são gerenciados por Ferréz.

*Amigos*, quando trata a prosa como espaço de ação e não apenas de realização da arte. Para recitar seus textos e poesias, convidou Zeca Baleiro, que lê a inédita “Vendo verdades”, e o poeta de Brasília Gog, que recita “O menino Periferia”, com refrão de Higo Melo. Já o novo romance do autor, *Deus foi almoçar*, vem na voz do poeta Allan da Rosa, e outros textos, como “A maldição da refinaria”, “A arma” e “A pomba branca” são recitados pelo próprio autor. O grupo de rap paulistano Facção Central lê o posfácio de *Capão Pecado*.

Um outro aspecto que confere o entendimento da literatura marginal como um fenômeno para além dos limites literários, é a relação que ela estabelece com a cultura *hip hop*, sobretudo com as práticas poéticas do *rap* (HOLLANDA, 2014; PATROCÍNIO, 2013), dado o caráter de engajamento de ambas as práticas textuais, que lançam mão da escrita como veículo de denúncia, pois se querem retrato de uma realidade marcada pela vulnerabilidade social, violência e miséria dos grupos periféricos. E não é outro o projeto literário marginal, espaço de resistência que, na contramão dos núcleos e das imagens hegemônicas, toma a palavra para de um lado construir uma identidade e um lugar próprios e, de outro, produzir um discurso no qual o próprio excluído narra a sua história, ou seja, sua vivência marginalizada. Aspectos reiteradamente expressos nas inúmeras dicotomias construídas por Ferréz nos prefácios das edições “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”.

Além de ambas as manifestações artístico-culturais apresentarem um discurso de valorização da identidade periférica, estabelecendo vínculos com um determinado grupo social e o mesmo teor de protesto e crítica social, cujo papel não é apenas denunciar, mas oferecer-se como “verdade”, o *hip hop* e a literatura marginal, segundo Érica do Nascimento também constroem uma imagem positiva da periferia:

O hip hop e a literatura marginal dos escritores da periferia participam do mesmo processo de “dar voz ao seu grupo social” e se colocar nas mesmas posições dos sujeitos que vivenciam situações de marginalidade, fazendo emergir uma identidade coletiva (de periférico/marginal) sob a qual os aspectos políticos e sociais predominam sobre os individuais. Assim, a literatura marginal dos escritores da periferia e o hip hop são dois movimentos artístico-culturais que, por meio de seus produtos, dão nova significação ao espaço da periferia e ajudam a criar uma representação positiva do que antes só estava associado à falta, à violência e à precariedade. (NASCIMENTO, 2009, p. 158)



A relação que o *rap*<sup>6</sup> mantém com a Literatura Marginal pode ser exemplificada pela primeira edição do primeiro romance publicado por Ferréz, *Capão Pecado*. Dentre os registros ganha destaque fotos e textos de *rap* de grupos musicais, os quais aparecem na abertura de cada um dos capítulos. Além de Mano Brown, do grupo Racionais MC's, que assina o texto que abre a primeira parte, ainda outros textos de *rap* antecedem as outras cinco partes do romance. Cascão, MC do grupo Trilha Sonora do Gueto, e grupo Outraversão, assinam o segundo e terceiro capítulos, respectivamente. A quarta parte do livro é aberta por Negredo, do grupo Realismo Frontal; a quinta e última parte conta com o grupo Conceito Moral. Outro rapper, MC Gaspar, do grupo Z'África Brasil, é quem apresenta a orelha do livro. Trazendo à tona a voz de companheiros da mesma luta, os textos tratam dos mesmos assuntos dos capítulos: violência, marginalização, as carências e os desencontros marcados pelo cotidiano da periferia.

Evidente que esta estratégia discursiva do uso da voz real de moradores da periferia e da voz do próprio escritor que reside em Capão Redondo, misturando-se à voz ficcional – que narrará em terceira pessoa a história de Rael, morador do bairro Capão Pecado, alusão à Capão Redondo, distrito periférico de São Paulo -, estabelece um diálogo entre ficção e testemunho. Isto é, utilizando a sua própria trajetória de vida como ex-morador da favela, elemento fundante de sua produção ficcional, Ferréz atua como mediador intelectual do discurso do menos privilegiado, o que empurra *Capão Pecado* para um frágil pacto ficcional. Por isso, o romance opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor e as letras de *rap*, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

Não são novidade as complexas e múltiplas contradições que engendram a literatura brasileira contemporânea na sua intrincada rede de produção e consumo, de preferências e tendências vinculadas à dinâmica do mercado, bem como no seu casamento com a mídia, que se traduz, segundo Tânia Pellegrini (1999), em *A imagem e a letra*, nas estratégias de divulgação, de promoção e de venda das obras, seja por meio de noites de autógrafos, entrevistas, palestras, dentre outras ações. Instâncias de legitimação e consagração que não passam despercebidas quando o assunto é a literatura marginal, o que remete para a contaminação do campo literário a instâncias de legitimidade externa ao campo propriamente artístico (BOURDIEU, 2009).

---

<sup>6</sup> A cultura hip hop aglutina as práticas textuais do *rap* e do *break* e o *graffiti*; discursos de contestação em torno de vozes pertencentes ao universo periférico.

Dentre as palestras destacam-se o “Ciclo de viagens pelas metrópoles brasileiras II: Recife, Brasília, Porto Alegre e São Paulo”, ocorrida em São Paulo, no dia 24 de abril de 2004, na Biblioteca Mário de Andrade, na qual Ferréz trata do projeto literário da Revista *Caros Amigos*; “Mostra Artística do Fórum Cultural Mundial”, realizada em 30 de junho de 2004, no SESC/Consolação, na qual estavam presentes Marçal Aquino, Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz. Também as edições da “Semana de Cultura Hip Hop”, ciclo de debates, exposições, exibição de vídeos, workshops e apresentações artísticas, que têm por objetivo trazer à tona discussões pertinentes ao movimento da literatura marginal; “I Encontro da Literatura Periférica”, ocorrida em setembro de 2005, no qual se deu o lançamento do primeiro livro de Allan da Rosa, *Vão*, e no qual se encontravam escritores que publicaram nas edições especiais da *Caros Amigos*, entre eles Ferréz; ou ainda o evento “Leitura de poemas”, realizado na biblioteca municipal Castro Alves, em Taboão da Serra, no qual Sérgio Vaz expôs o projeto do seu livro *A poesia dos deuses inferiores* (NASCIMENTO, 2009).

Ganha ainda destaque um evento que ultrapassou as fronteiras nacionais em 2013, entre os dias 22 de maio a 01 de junho, em Berlim: “Über den (Stadt-)Rand geschrieben: Woche der Marginalen Literatur in Berlin” - “Escrito sobre as Margens (da Cidade): Semana de Literatura Marginal” em Berlim. Organizado pelo coletivo Urban Attitude, teve como convidado de honra o poeta Sérgio Vaz. A série de eventos em Berlim incluiu discussões, exibição de filmes, palestras, oficinas, workshops e dois saraus no estilo dos que acontecem na periferia de São Paulo, como a Cooperifa. Para breve, Ferréz anuncia no seu blog um próximo encontro: “I Encontro da Literatura Marginal da Baixada Santista”, que ocorrerá de 01 a 03 de abril de 2016.

Também os saraus da Cooperifa, fundada em 2001, na zonal sul de São Paulo, por Sérgio Vaz, apresentam-se como instrumento de produção, circulação e consumo cultural. Tendo como objeto inicial promover saraus para que artistas periféricos tornassem públicas suas produções literárias, tornou-se, ao longo do tempo, espaço para debates, sessões de cinema, lançamento de livros, esquetes de teatro, exposição de fotografias e artes plásticas, apresentações de dança e música. Em 2004, os poetas da Cooperifa contribuíram para o movimento da literatura marginal, publicando a antologia poética *O rastilho da pólvora*, patrocinada pelo Itaú Cultural, que contou com 43 participações (NASCIMENTO, 2009, p. 257).

Em um contexto de produção em que o livro impresso não é mais o principal suporte, os escritores encontraram na tecnologia uma nova ferramenta de divulgação de suas obras. Assim, os

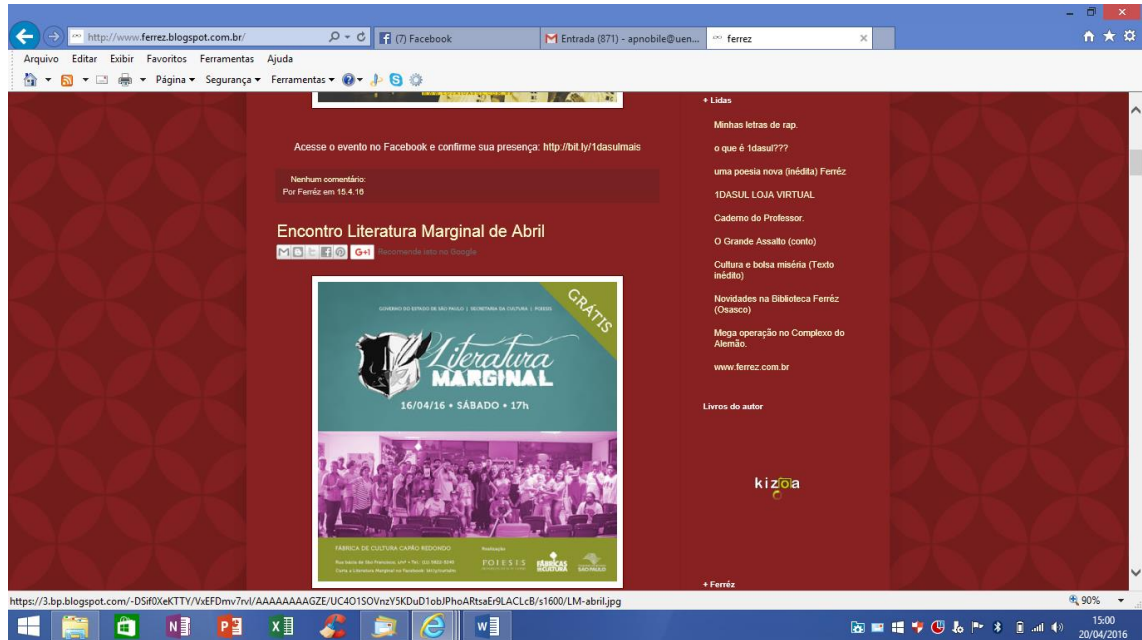
corretores automáticos fazem, muitas vezes, o papel de editor, redes sociais, a de publicidade e propaganda, e lojas virtuais, por diversas vezes, substituíram os vendedores, eliminando qualquer empecilho mais burocrático para a comercialização dos livros. A esse respeito Beatriz Resende afirma que as “[...] novas relações do livro com o mercado editorial aparecem a partir da maior rapidez com que o autor é editado, seja pela utilização da informática como suporte, seja pela multiplicidade de pequenas editoras por todo país” (2008, p. 25). Desse modo, “[...] os jovens escritores não esperam mais a consagração pela ‘academia’ ou pelo mercado. Publicam como possível, inclusive usando as oportunidades oferecidas pela internet” (RESENDE, 2008, p. 17). Também Schollhammer (2011) destaca as facilidades oferecidas pela tecnologia, a presença dos *blogs* e demais redes sociais, que atuam como uma nova possibilidade de os escritores terem a sua produção literária difundida sem terem que recorrer à instância mais comum - as editoras:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os *blogs* que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. Com essas novas plataformas de visibilidade da escrita surgiu um inédito espaço democrático e foram criadas condições para um debate mais imediato em torno de novas propostas de escrita. (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 13)

É, então, nesse contexto que o *blog* para Ferréz desempenha papel central, seja como veículo de divulgação e comercialização de sua produção literária, conforme referido, ou ainda como estratégia para veicular a inauguração de uma nova loja em um shopping de Santo André:



Ganha força também como espaço de convocação e difusão de eventos culturais e atividades promovidas pelos escritores, bem como de exposição de textos inéditos de letras de *rap*, poemas e contos (*links* no lado direito da tela):

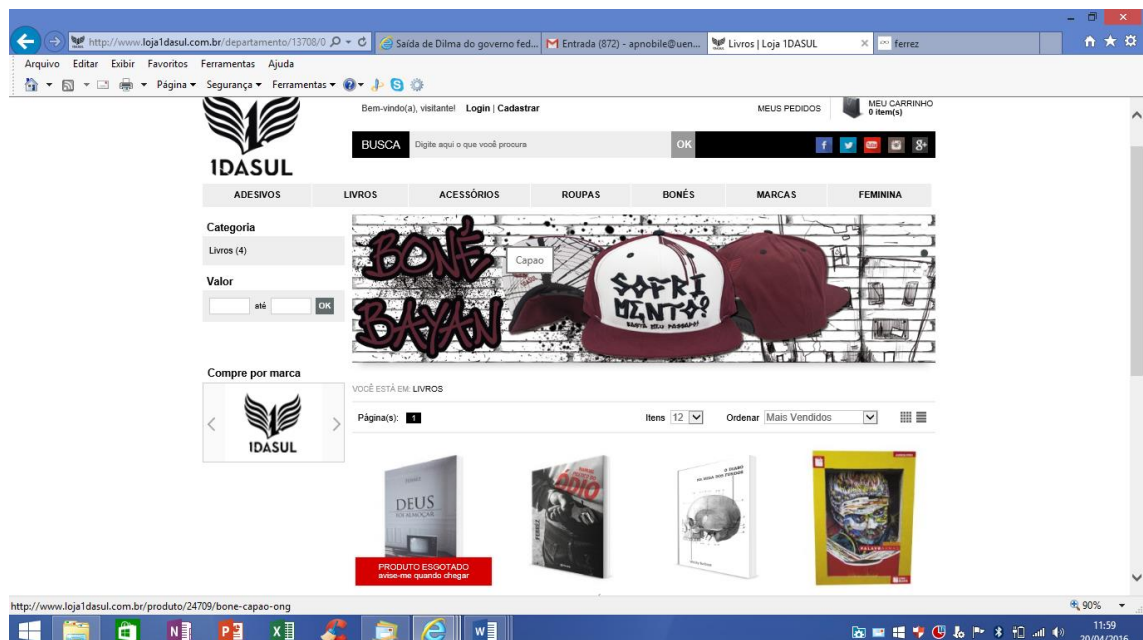


Também o *blog*, criado e alimentado por Sacolinha, fundador do projeto Literatura no Brasil, em 2002, é exemplo da importância da rede virtual para a difusão dos autores e da cultura da periferia que, não raro, têm dificuldade de encontrar espaço na mídia em geral. Segundo Érica Peçanha do Nascimento (2009, p. 294), tornou-se o “[...] principal veículo de propaganda do currículo profissional e da agenda do escritor Sacolinha, bem como da comercialização do livro *Graduado em marginalidade*”.

Diante dessas instâncias de legitimação e consagração lançadas mão pelos autores denominados marginais, simbolizados aqui sobretudo por Ferréz, pode-se dizer que foram paulatinamente construindo um percurso, voltado para além de um terreno específico de produção e atuação literária, o que pode ser demonstrado pela filiação da literatura marginal com a música, o *rap*, pela criação de loja e grife de roupa, bem como pelos selos editorial e fonográfico e pela

produtora. Tudo isso expressa que o grupo está legitimado<sup>7</sup> e, mais do que isso, coeso e unido, representando uma força nova dotada de consciência. Isso posto, infere-se que a atividade artística permite não apenas a projeção individual de quem a exerce, mas também um caminho coletivo para os grupos marginalizados, uma vez que todas estas ações, além da óbvia interface com o consumo, comunicam-se com o perfil sociológico do público-consumidor, ajudando a criar uma identidade coletiva por dar “voz” à periferia, seja na música, nas estampas que remetem às singularidades dos bairros periféricos ou no relato dos problemas sociais que acometem os moradores da periferia.

Ao mesmo tempo, estas diferentes frentes de empreendimento auxiliam Ferréz não apenas na sua subsistência (NASCIMENTO, 2009), mas também nas práticas específicas de divulgação da sua produção literária. Exemplo disso é o site da loja virtual, que vende seus livros. Considerando que a grife/marca e a loja agregam o tipo de público que o autor pretende atingir com sua literatura, provocando não somente uma identificação positiva com a periferia, mas também incentivando o consumo de seus bens culturais, entende-se que há uma clara inter-relação entre o projeto e as suas publicações, sendo aquele uma oportunidade para fazer circular seus produtos literários<sup>8</sup>, haja vista o *blog* do autor:



<sup>7</sup> Na primeira edição da revista *Caros Amigos*, Ferréz afirma: “Mas estamos na área, e já somos vários, e estamos lutando pelo espaço para que no futuro os autores do gueto sejam também lembrados e eternizados”.

<sup>8</sup> No site do autor há um *link* para a loja virtual, na qual se encontra um outro *link* com as obras publicadas pelo escritor.

Não menos importante são a Cooperifa e o movimento Literatura no Brasil, instrumentos de conexão para a circulação dos produtos literários marginais, cuja peculiaridade se dá pelo seu caráter engajado, pelo perfil sociológico dos autores e pelo registro das condições de vida e valores dos moradores da periferia:

Esses projetos, que são, veículos fundamentais na divulgação e posituação da “cultura da periferia” por agregar às suas atividades os conceitos de autoestima e autogestão, são, do mesmo modo, espaços importantes, criados pelos próprios escritores, para a circulação e a legitimação da produção literária que emergiu das periferias. (NASCIMENTO, 2009, p. 321)

A partir do exposto, pode-se afirmar que a entrada em cena dos escritores da periferia a partir dos lançamentos de *Capão Pecado*, de Ferréz, e das edições especiais da *Caros Amigos – Literatura Marginal*, instituiu-se como marco do movimento da literatura marginal que, entretanto, ganhou uma dimensão que vai além de uma manifestação que se quer artística, concorrendo, para tanto, o movimento/grife/loja 1da Sul, a criação das editoras Toró e Literatura Marginal/Selo Povo, por Allan da Rosa e por Ferréz, respectivamente, ambas destinadas à publicação de autores periféricos. Cabe destacar também os demais empreendimentos de Ferréz, aqui já apresentados, o *rap*, eventos culturais (saraus, palestras, noites de autógrafo, etc.), *blogs* e demais formas de comunicação tecnológica ou ainda os projetos de caráter cultural (e também social) voltados para estimular e difundir a produção poética e ficcional de autores oriundos da periferia, como o Cooperifa e o Literatura no Brasil, coordenados respectivamente por Sérgio Vaz e Sacolinha, ou ainda a ALEPA, sigla de A literatura nos espaços populares agora, coordenada por Adriana Kairos, e a FLUPP (Festa Literária das UPPs), cuja edição de 2016 homenageará o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu.

Dispositivos estratégicos acionados para de um lado afirmar a identidade das comunidades periféricas e empoderar os membros das classes populares inseridas nas periferias urbanas, por criar um processo de identificação com a cultura da periferia e, de outro, para legitimar e consagrar os autores da periferia que, apesar de paulatinamente estarem ganhando espaço em instâncias de legitimação, incluindo os aparelhos do Estado, tais como a universidade, além das resenhas em jornais e revistas de grande circulação, bem como o papel das editoras nesse processo, parecem ter nos seus próprios mecanismos de legitimidade externa a garantia de não ter seus valores e interesses distorcidos pela “elite” e, portanto, assegurar um espaço de poder. É o que Ferréz (2015, p. 13-14)

sugere no prefácio do seu mais novo livro de contos *Os ricos também morrem*: “Eu tenho um prefácio a fazer, uma responsabilidade a cumprir [...]. Um prefácio com sábias palavras, convença a elite e seus meios de divulgação que não mostram o nosso real valor, que nos humilha, nos envergonha pelo nariz, pela boca e ri do nosso cabelo”.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FERRÉZ (Org.). Terrorismo literário. In: **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os ricos também morrem**. São Paulo: Planeta, 2015.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Escritos à margem**: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PELLEGRINI, Tânia. **A imagem e a letra**. São Paulo: Mercado de Letras, FAPESP, 1999.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da Literatura Brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

[Recebido: 20 mar. 2016 – Aceito: 21 abr. 2016]